



Guimarães: problemas desde o "berço"?

7

POLO UNIVERSITÁRIO SÓ ATRAI FRUSTRAÇÃO

Reportagem de MANUEL DIAS (texto)
e AMÉRICO DIEGUES (fotos)

«A Universidade do Minho é uma das coisas muito queridas dos vimezanenses, que muito lutaram por tê-la cá. Simplesmente, o problema apenas será solucionado quando o polo de Guimarães funcionar em pleno desde o primeiro ao último ano. Enquanto isso não acontecer e os professores e alunos tiverem de andar em bolandas, embora possamos sentir que a Universidade existe, quase não damos por ela. Há, pois, que criar condições para alterar tal estado de coisas...»

Estas palavras constituirão, talvez, o modo de sentir da generalidade dos vimezanenses perante «o que se passa» com o polo universitário instalado na sua cidade. E têm razão de sobejo todos quantos se insurgem contra o facto de a «falta» da UM atribuída a Guimarães mais não passar do que uma tentativa de adoçar a boca, que, ao fim e ao cabo, apenas contribuiu para adensar o gosto amargo de uma certa frustração.

Aquele polo está a funcionar no palacete de Vila Flor, adquirido pela Câmara, que, para o efeito, ali promoveu algumas obras. Nessa «operação» ter-se-ão envolvido mais de duas dezenas de milhar de contos, pese o facto de se tratar de uma maneira de remediar o problema das instalações...

«quatro rodas»... Citemos, a propósito, um trecho do artigo «O caso de Guimarães», publicado no «Jornal da AAUM» no número de Fevereiro último:

«Mas a discriminação social atinge as raias do absurdo quando tomamos conhecimento da lista de prioridades na utilização da carrinha, em que dum modo geral os mais beneficiados são os que estão economicamente melhor (1.º os professores, 2.º os funcionários e depois os alunos, se houver lugar, claro). Em nome de que «Direito» ou «Justiça» tal situação existe?! Ou não será verdade que a Universidade tem tantas ou mais obrigações em transportar os estudantes que embora frequentando Guimarães são, por razões económicas, obrigados a viver em Braga, uma vez que é aqui que

No actual semestre, o total de alunos do núcleo de Guimarães não chega a atingir os 70 e estão dispersos pelos cursos de Metalomecânica (16), Têxtil (27), Produção Metalomecânica (3), Produção Têxtil (7), Produção Sistemas (15) e Produção Matérias Plásticas (2).

Dado, porém, que as aulas se «distribuem» por Guimarães e por Braga, professores e alunos são obrigados a deslocações constantes entre as duas cidades, facto que implicou a aquisição de uma carrinha para o necessário transporte. E o veículo por ali circular exibindo o letreiro «Universidade» e fazendo as delícias dos «contadores de histórias», que traçam irónicas caricaturas das «digressões universitárias» sobre aquelas

funciona a Residência Universitária, cantina (de manhã e à noite), os Serviços Sociais, etc...?»

O «caso» das casas...

A alusão à Residência Universitária leva-nos a evocar um outro facto gerador de mal-estar. Trata-se da cedência à UM, por parte da Câmara de Guimarães, de uma dúzia de casas do FFH, medida tomada numa tentativa de facilitar a fixação em Guimarães de professores e alunos do polo universitário. Ao abordarmos a questão no encontro que tivemos com o actual presidente do Município, diz-nos o sr. Manuel Duarte.

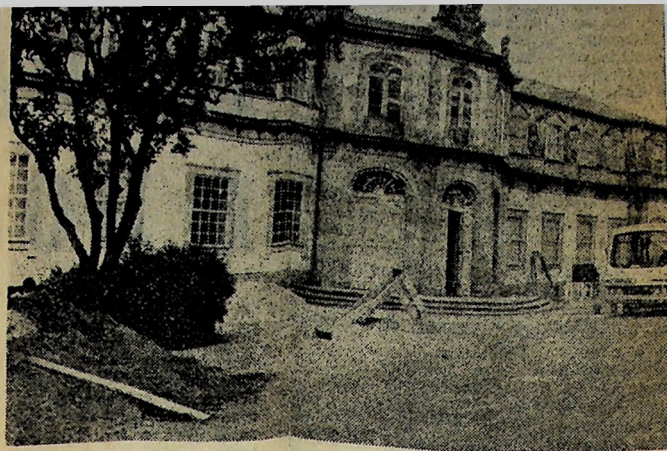
«Tratou-se de dois blocos que o Fundo de Fomento da

...letores, alunos e funcionários. para aqui se fixarem, a Câmara utilizou esse recurso e entregou aos Serviços Sociais da Universidade do Minho, sem qualquer condicionalismo, essas habitações. Ora, os referidos serviços, parece que de acordo com o espírito de que aquelas casas se destinariam a camadas sociais mais débeis, deu prioridade ao «pessoal menor» da Universidade. Assim, não se terá ido ao encontro das verdadeiras intenções da Câmara, que pretendia — isso sim! — radicar aqui professores e alunos, tanto mais que «o pessoal menor» seria facilmente recrutado em Guimarães. A UM anuncia, é certo, os seus concursos nos jornais, mas porque a população de Guimarães não estará bem informada ou sensibilizada como a de Braga, verifica-se que a maior parte desses funcionários são bracarense, que tiveram de se fixar na nossa cidade, ocupando, portanto, habitações que consideramos preciosas em face da escassez existente.

A Imprensa vimezanense chegou, por sua vez, a «ilustrar» tal situação com a divulgação do seguinte caso: foi contratado, em Braga, um carpinteiro destinado ao polo de Guimarães e ao qual atribuíram uma das casas do FFH. Só que esse mesmo trabalhador se deslocaria diariamente para o polo bracarense...

Onde está a solução?

«O caso Guimarães», segundo a análise de ASR nas colunas do «Jornal da AAUM» revela-se preocupante, desde o aspecto pedagógico ao social. O que o leva a apontar as seguintes soluções:



O Palácio da Vila Flor, onde «moram» o polo de Guimarães da Universidade do Minho já «célebre» carrinha das chamadas «digressões universitárias»

«1.º — Uma seria pura e simplesmente acabar com o polo de Guimarães, o que nos parece difícil de conseguir e de consequências imprevisíveis;

«2.º — Suspender as actividades pedagógicas em Guimarães e só reiniciá-las quando houvesse um mínimo de condições para isso, nomeadamente no que respeita à assistência social e apoio pedagógico. Entretanto, as aulas funcionariam em Braga;

«3.º — Suspender a vinda de mais alunos para Guimarães até as condições do segundo ponto se verificarem e enquanto assegurar transporte (Braga-Guimarães) bem como serviço de cantina (que poderia funcionar no bar) para todos os docentes e discentes sem discriminação».

A matéria deste artigo pu-

blicado no Jornal da Associação Académica e mais notoriamente as medidas preconizadas criaram, tanto quanto nós apercebemos, um movimento de repulsa entre vimezanenses que se mostram empenhados em que o polo universitário de Guimarães se liberte das tutelas que o condicionam e arranque definitivamente ao encontro da meta desejada, qual seja a completa independência dos seus cursos.

... E, a verdade é que se a luta por uma Universidade, que se pretende «total ou a tempo inteiro», se revela justa porque se trata de um direito adquirido, não é menos exacto que em toda a questão que se levanta não é estranha uma certa rivalidade regional.

Entretanto e apesar de tudo, prossegue o estudo de projectos para que a Universidade

tenha as necessidades definitivas.

Ao referir-se o presidente da Câmara a adiantar ainda este ano a adquirir as parcelas, que deverá entre Amaro de Deus e de Azorem.

Mas a existência de uma solução concreta deverá levar os vimezanenses a cerrarem fileira pela solução dos imediatos enfrentamentos da UM. De outro modo, as mensagens não passarão de diversão...

A seguir:

Problemas de ordem pública a resolver

nera nas vertentes da Penha e que o povo relaciona com esta quadra entoada anualmente, por ocasião da festa: «A Senhora da Oliveira, / tem um manto de carapinha, / que lhe mandou de presente / a Senhora da Lapinha».

Manuel Alves de Oliveira escreve, quase a terminar que «o culto a Nossa Senhora, em Guimarães, vem já da fundação histórica do nosso primeiro templo religioso nos séculos da vida nacional».

Este opúsculo procura fazer a história dessa devoção mariana e de como foi administrada a insigne e real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, o templo mais concorrido da região, que maiores ligações estabelece entre a população e a história da pátria histórica de Portugal.

COMEÇAM OS ENSAIOS DO NOVO ORFEÃO

Amanhã à noite terão início, na sede da Associação Artística, os ensaios do novo orfeão da cidade, que vai ressurgir graças à iniciativa da Sociedade Musical. Inscreve-

ram-se já cerca de 70 elementos de ambos os sexos, continuando-se a aceitar inscrições de pessoas que desejem fazê-lo.

CARTAZ CINEMATOGRAFICO

Cinema S. Mamede, às

16,30 e 21,30. «3000 Fuga» (13 anos).

FARMACIA DE

Hórus, Largo do Telefone 42329.

de serviço

da Picheleira, 140-BC — Telef. 880703.

São Sebastião — SAGRES — Av. Luís Bivar, 69-71 — Telef. 547213.

Algós — BRANCO — Av. Comb. Grande Guerra, 29 — Telef. 2112081.

Amadora — MELO — Prac



Encontra-se na Setenave, para uma reparação que levará cerca de 20 dias, a plataforma de exploração petrolífera «Bideford Dolphin» — a primeira a ser reparada em Portugal. Esta plataforma, que pertence ao armador norueguês Fred Olsen, foi construída há cinco anos, o encontrava-se a operar no Norte do